

O VESTIDO DE CENÁRIOS: RACISMO NOS CONTOS DE FADA

Crisley de Souza Almeida Santana¹
Christian Muleka Mwewa²

Eixo 1 – Impactos sociais e educacionais

Resumo: O presente trabalho aborda questões sobre a construção da identidade racial da criança negra, partindo dos contos de fadas, dentre esses é notável a falta de personagens negros, principalmente como protagonistas, o que pode afetar tanto no processo de formação da identidade, quanto na autoestima da criança ao se sentir inferior as outras que possuem características dos padrões impostos pela sociedade e pelos contos. Assim, o objetivo deste texto é analisar como a ausência dos negros nos clássicos contos de fadas pode auxiliar no processo de formação da identidade da criança e como esta falta se configura nos livros infantis. A metodologia será o estudo documental e bibliográfico de três contos de fadas, sendo eles “A Bela e a Fera” “Branca de neve” e “Chapeuzinho Vermelho”, para possamos compreender a forma que a divisão da sociedade em raças influenciou na ausência de personagens negros nos contos escolhidos.

Palavras-chave: Identidade; Literatura Infantil; Contos de Fadas; Racismo; Infâncias.

Introdução

O presente trabalho gira em torno da Literatura Infantil e tem por objetivo analisar os contos considerados clássicos na infância, em uma perspectiva das relações étnicas raciais, visando evidenciar como se configura a ausência da negritude nos contextos dos contos de fada e a forma proposital e estrutural de propagar o racismo, no sentido da discriminação e o enaltecimento da raça branca através dos contos literários voltado as crianças.

O apagamento de protagonistas negros vem desde o surgimento da literatura, principalmente em razão de sua origem europeia e características étnico-raciais desta população, por exemplo a raça branca, de pele clara, cabelos lisos e traços finos. Porém, mesmo com a evolução da literatura e com o surgimento de livros voltados às crianças no final do século XVII, até mesmo com sua chegada no Brasil, com novos grandes autores literários brasileiros, a falta desses personagens permaneceu ou aparecem com

¹ Doutoranda em Educação (UFMS/Campo Grande). Mestra em Educação (UFMS), Bolsista Capes/CNPQ, pelo Programa de Pós Graduação em Educação- nível Doutorado. Membro do grupo de pesquisa: Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea (EduForp/CNPq). ORCID: <https://doi.org/10.30905/rde.v8i1.709>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5390464064185472>. Email: crisley.breno@hotmail.com

² Professor nos Programas de Pós-Graduação em Educação, mestrado (CPTL), mestrado e doutorado (FAED) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Ciências da Educação (UFSC) com estágio doutoral na Université Paris Panthéon-Sorbonne. Contra mestre de Capoeira pelo grupo Beribazu. Líder do grupo de pesquisa Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea (Eduforp/UFMS/CNPq). Email: christian.mwewa@ufms.br <http://lattes.cnpq.br/90987132982042550>. ORCID: 0000-0002-7079-5836

estereótipos em relação aos negros, na maioria das vezes com características e ações negativas e dificilmente como protagonistas, o que acaba afirmando o branco como ideal, sendo visivelmente através do fenótipo dos personagens.

O tema foi escolhido pensando no impacto gerado na vida de muitas pessoas, pois, esta falta do negro silencia toda nossa história e cultura, ao optarem por demonstrar somente o que a sociedade acha pertinente e considera como um modelo a se seguir, desvalorizando e nos colocando como pessoas de menor valor, pela raça e etnia. É possível notar que em grande parte dos livros infantis, a indústria cultural, a mídia visa chamar a atenção a partir de ilustrações que o público considera agradável aos olhos e o que ela pretender impor como padrão, colocando princesas de pele clara, com histórias encantadoras a espera de um príncipe com determinadas características que ao olhar da raça branca são belas, o que no caso, não nos representam.

Durante a infância, a criança passa pelo processo de construção da identidade e o desenvolvimento da autoestima, portanto, dentro da sala de aula, os professores ao trabalharem a literatura infantil, deve levar em consideração que o ambiente reúne uma grande quantidade de pessoas diferentes, por isso há necessidade de se abordar um tema de valorização a questão étnico-racial. A identidade trata-se de um conjunto de características individuais que nos diferenciam uns dos outros, mas que estão em processo constante de mudanças, ocorrendo também a partir do seu meio social, na relação com os outros. O nosso mundo é composto por variados povos, sendo assim, não é consentâneo apenas uma parte da sociedade ser representada dentro dos livros infantis, é de extrema relevância que todas as crianças possam se identificar. A presença de diferentes raças e culturas permite que as crianças ampliem seu olhar multicultural e conhecimento acerca do que é diferente, possibilitando através da exposição de costumes e valores, o respeito e a valorização de todas as crianças, contribuindo para o rompimento do racismo.

É perceptível a diversidade genética humana em nosso planeta, portanto, é errôneo pensar que os caracteres adaptativos possam determinar os que são “melhores” ou “piores”, que outros. O Preconceito se forma a partir da percepção de diferenças entre os grupos/raças, o que leva ao racismo e o racismo estrutural que ocorre a partir dessas pessoas que se fundamentam a este pensamento citado acima, considerando a superioridade entre as raças, discriminando uma e privilegiando a outra e isto nós encontramos desde a antiguidade até nos dias atuais, em nossa sociedade e também dentro dos contos de fadas, os quais serão analisados ao decorrer desta dissertação.

A metodologia a ser utilizada neste trabalho será o estudo documental de três contos de fadas, sendo eles “Branca de neve”, “A Bela e a Fera” e “Chapeuzinho Vermelho”, com instrumento bibliográfico e análise do instrumento bibliográfico, a fim de com a ajuda de artigos, livros, dissertações, enxergar como se configura esta ausência e o impacto que ela causa na formação e desenvolvimento da identidade da criança.

Literatura infantil brasileira

No Brasil, a literatura destinada à infância começa a ser produzida oficialmente em 1808, com a implantação da Imprensa Régia. O país estava passando por inúmeras mudanças, estávamos no período em que houve a Proclamação da República e a partir do grande processo de urbanização da sociedade, vem a aparição da literatura infantil, ao final do século XIX e início do século XX. Conforme as autoras Lajolo e Zilberman, neste cenário, o modelo econômico, contribuiu para o surgimento de novos consumidores de bens culturais, fazendo com que comesçassem a organizar meios para a produção didática e literária, pensar além somente da instrução e alfabetização, trazer, inspirar a literatura voltada às crianças em nosso país.

Além de o modelo econômico deste Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, é preciso não esquecer a grande importância — para a literatura infantil — que o saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e o prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional. Nesse clima de valorização da instrução e da escola, simultaneamente a uma produção literária variada, desponta a preocupação generalizada com a carência de material adequado de leitura para crianças brasileiras. E o que documenta Sílvia Romero, evocando, nos anos 80 do século passado, a precariedade das condições de sua alfabetização. (Lajolo; Zilberman, 2010)

Monteiro Lobato, teve a primeira obra infantil brasileira a ser publicada, “*A menina do nariz arrebitado*”. O autor tornou-se um grande ícone da literatura brasileira, com seus livros de autoria própria e traduções, ficou popularmente conhecido por grande parte da sua produção literária ser voltada ao público infantil, com aspectos educacionais e morais, mas também havia escritas para adultos, contos com temas nacionais, artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas e livros que falavam sobre a importância do ferro (*Ferro*, 1931) e do petróleo (*O Escândalo do Petróleo*, 1936).

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (Cademartori, 1986, p. 51).

Em suas obras, Monteiro Lobato mostra um pouco de nossas tradições e personagens do nosso folclore, ele também retrata o cenário social, político e econômico da época, período Pré-Modernista, aproveitando o gancho para relacioná-lo com o assunto deste trabalho, vale ressaltar que nas histórias escritas por ele o racismo é explícito, por conta das ideologias da elite brasileira e internacional, a qual ele participava e se direcionava, o que acabava afetando nas suas obras.

Em “*O Pica-Pau amarelo*” os personagens negros aparecem como criadas, ou pessoas do mal, em “*Reinações de Narizinho*” há trechos que o autor se refere a Tia Nastácia como “negra de estimação”, em “*Negrinha*”, considerado o mais tocante, conta a história de uma criança negra, órfã de sete anos, filha da escrava da casa, criada por Dona Inácia, uma viúva rica, que não possuía filhos e era escravocrata. Dentro daquela casa negrinha cresceu acanhada e com olhos atentos e assustados, magra, sempre com fome ou frio, sempre com expressão de tristeza, era violentada frequentemente. O único momento em que teve alegria, foi quando as sobrinhas da patroa vieram passar as férias e trouxeram uma boneca, a qual ela pode brincar, quando as férias acabaram e as meninas foram embora levando a boneca, negrinha se afundou em uma profunda tristeza e acabou morrendo. Essas entre outras histórias, Monteiro Lobato apresenta o racismo da época, como o negro era tratado pela sociedade.

Resumindo, a partir dele, as obras infantis foram muito promissoras para o desenvolvimento de um comércio específico, o que acarretou a migração de outros famosos escritores brasileiros a se dedicarem a esse tipo literário, como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes. Depois surgiram outros autores muito importantes, como

Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Maurício de Sousa.

Sendo assim, podemos dizer que no Brasil o processo de modernização, a escolarização e o novo projeto de nação do país foram responsáveis pelo grande estímulo na literatura infantil no país, em primórdio se tratando de cópias e traduções e ao transcorrer do tempo, com a necessidade uma literatura nacional é que se expande as produções para as crianças.

A literatura infantil, percorreu uma longa história até chegar nos dias atuais, porém, acredito que hoje seja mais reconhecida como um recurso importante e indispensável no desenvolvimento da criança. Conforme Zilberman (1982.), a literatura estimula o desenvolvimento integral da criança:

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (Zilberman, 1982).

Com isso chegamos em um dos pontos da nossa análise, e me pergunto “como nos encontrarmos, se não estamos representados na realidade dos contos?”, neles uma parte da sociedade é excluída e as crianças negras não conseguem se encontrar.

Com a inserção no contexto social, o meio que somos inseridos, todos (família, escola, meios de comunicação) contribuem no processo de formação de nossa identidade, portanto, as crianças, possuem diferentes características tanto no cognitivo, quanto no jeito de ser e se desenvolver, o que pode resultar em interpretações próprias manifestadas nos contextos o qual socializam. A falta de representatividade age de forma danosa na identidade das crianças, porque a todo momento o negro é invisível.

A ausência do negro só nos mostra a forma em que eles eram excluídos pela sociedade europeia e quando aparecem, sempre são empregados ou qualquer personagem assustador que prática o mal.

Nos contos, as princesas são muito consagradas pela sua beleza e bons comportamentos, um exemplo é A “*Branca de Neve*”, onde sua beleza é considerada incomparável e insubstituível, ela é elogiada e exaltada por seus lisos cabelos pretos, seus olhos arredondados, pequenos lábios vermelhos e sua pele branca como a neve, a mais bela do reino, o que se dá a entender que qualquer pessoa que tenha características diferentes a essa, é considerada uma pessoa sem beleza. Ao ler e olhar as figuras, a criança negra tenta se identificar, mas não consegue, e as palavras afirmam aquela personagem como ideal e espelho, em vista disso, a criança se sente abaixo das outras pessoas.

A influência na construção da formação da identidade negra

Partindo dos contos citados, faz uma análise perante a falta de aparição dos negros nas três histórias infantis e como isso afeta de forma negativa na formação identitária.

A escolha foi feita pensando que estes são os clássicos mais conhecidos do mundo, que foram passados de geração a geração, se adaptando conforme a sociedade e suas mudanças, com a chegada da tecnologia, estes livros se transformaram em filmes, séries e peças muito aclamados, que fazem sucesso até hoje entre o público infantil. Os mundos mágicos dentro dos livros voltados às crianças, os chamam bastante atenção, por permitirem que eles viagem dentro de um mundo imaginário, onde tudo é perfeito e

com finais agradáveis. Mas neste mundo perfeito, onde está a representatividade étnico racial? Creio, que não existe perfeição, mas um caminho para a proximidade dela, seria a igualdade e respeito pelas raças e culturas. Sendo possível, através da literatura infantil que desde a infância traga questões temáticas étnico-raciais, ricas em ilustrações, que possam ultrapassar as formas tradicionais de apresentar os personagens negros em atuação e posição inferiores comparada aos outros

Nas histórias escolhidas, todos os personagens protagonistas são de raça branca, com traços físicos europeus, padronizados, nelas os únicos personagens com características diferentes são o lobo, a Fera e os anões. Personagens que dentro dos contos são considerados pessoas malvadas, estranhas e assustadoras, a Fera e o lobo são animais com feição humana, no qual, quando há presença de personagens negros, são feitas a partir de caricaturas que se assemelham a aparência de animais, objetos, ou seja, com base nas ilustrações presente nos livros, os únicos que se assemelhariam aos negros, seriam estes considerados diferentes e espantosos.

No conto da “*Branca de Neve*”, é o que mais podemos ver a idealização de raça, a exaltação da beleza conforme os padrões, desde o branco da neve ser a cor mais linda, capaz de tornar-se nome de uma princesa. No início da história sua mãe tem o desejo de ter uma filha que fosse branca como a neve que caia naquele dia.

Após seu nascimento e vindo com a aparência desejada pela mãe, tornou-se a mais bela do mundo.

Mas conforme Branca de Neve crescia, ia ficando cada vez mais bonita e, quando completou dezessete anos, já era mais bela do que a própria rainha. Um dia, quando a rainha perguntou ao espelho, ficou surpresa e enfurecida com a resposta do espelho “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” E o espelho respondeu “Rainha, tu és bela, mas Branca de Neve possui a mais beleza de todas”.

Com estas falas de afirmação sobre beleza, acaba por anular todas as outras, pretendo ressaltar que não existe uma única beleza, mas todos os meios de transmissão, a mídia, coloca uma só como verdadeira. Isso afeta não somente as meninas, mas também garotos negros, nos momentos que nas histórias, os príncipes, guerreiros, reis ou qualquer outro protagonista é branco, que em um certo instante foram amaldiçoados, encantados e que para que se tornasse digno de ser amado, ou possuísse sua beleza de volta, teriam que se tornar um homem branco, de cabelos lisos loiro ou castanho, magro e rico.

O processo de formação de identidade constitui-se entre o sujeito e sociedade, os quais passam por mudanças mesmo que inconscientemente, estas transformações sociais causam efeito na forma do indivíduo compreender-se a si mesmo e como ele é entendido no social. Para Stuart Hall (2006) a identidade está essencialmente ligada a cultura, em seu livro ele demonstra os conceitos de identidade desde período da modernidade até a pós-modernidade e nos mostra que as identidades modernas foram descentradas do sujeito, perdendo o sentido de si, tanto do seu mundo social, cultural, quanto de si mesmo, ocasionando uma suposta crise de identidade.

O autor distingue três concepções de identidade, sendo elas a do o sujeito do Iluminismo, no qual o indivíduo centrado, unificado e dotado de capacidades de razão, aquele que se desenvolve mas continua sendo o mesmo, o sujeito sociológico que refletia o mundo moderno e que não era autossuficiente, já que se forma a partir de sua relação que com os outros, mediando os valores, sentidos, símbolos e a cultura do mundo que ele habita e por fim o sujeito pós-moderno, aquele que possui uma identidade fixa, estando em constantes transformações pelas maneiras que somos representadas nos sistemas culturais ao nosso redor (Hall, 2006).

O que o autor realmente buscou transparecer ao longo do seu estudo é que as

sociedades ao longo do tempo, passaram por mudanças que deram um novo sentido para compreendermos os sujeitos e sua cultura, nos mostrando a forma que o sujeito entra na modernidade e como ele sai desse período em relação a identidade na modernidade tardia, é notável como toda identidade é móvel, ela não é unificada, e ele nos dá a possibilidade de utilizarmos o termo identificação ou a expressão processo identitário para compreender as representações responsáveis por formar as culturas, os sujeitos e os espaços, já que estão em processos constante de modificação, em transformação.

Neste contexto, os livros de literatura infantil representam somente a forma unificada de identidade, como no período do iluminismo, tendo um modelo como coerente, e também sendo fruto da globalização que pretende impor uma só cultura, modos de ser e agir, que a partir de representação de mundo dos outros atua na formação de uma consciência de mundo única e no processo de construção da identidade das crianças.

Para afirmar o que foi dito, o exemplo desta visão está na identidade das personagens principais das três histórias:

Bela: Mulher, adolescente, branca, francesa, princesa, magra, cabelos longos castanho claro e ondulado, olhos castanhos, bochechas rosadas, é confiante, valente, amorosa, generosa, inteligente e adora a família.

Branca de neve: Mulher, adolescente, branca, alemã, princesa, magra, alta, de cabelos curtos pretos lisos, olhos pretos, lábios vermelhos, gentil, romântica, adora os animais.

Chapeuzinho Vermelho: Mulher, criança, branca, francesa, possui cabelos loiros cacheados, olhos castanhos, lábios vermelhos, é amável, gentil, mas teimosa, ama a vovó e adora cantar.

Pode-se perceber que há um padrão e o que nós visualizamos nos contos de fadas, é o espelho da sociedade racista e preconceituosa que vivemos. Segundo o autor, Silvio Almeida (2019) em “Racismo estrutural: Feminismos plurais”, ele diz que o racismo é sempre estrutural, uma discriminação racial que se forma decorrente a um processo histórico, onde há situações que privilegiam ou descriminam determinado grupo racial, se propagando e se reproduzindo pelos espaços econômicos, políticos e institucionais, permitindo nossa compreensão a partir de três concepções de racismo, o racismo individual, institucional e estrutural.

O racismo Individual é gerado como uma “patologia” de estrutura individual ou coletiva atribuído a grupos isolados, que estaria relacionada ao psicológico ou a ética do indivíduo, o qual não se reconhece como racismo e sim preconceito, ao não levar em conta os efeitos que foram causados a sociedade ao decorrer da história. Também sendo combatido com penas sanções civis.

O racismo institucional é um estudo teórico avançado que possibilitou enxergar o racismo além de um comportamento individual e sim como um resultado da atuação das instituições que concedem vantagens e privilégios de acordo com a raça. Nas instituições os grupos de poder, utilizam mecanismo pautados nos seus interesses, sociais, políticos e econômicos para a sua hegemonia e dominação sob determinada raça, estabelecendo as normas e padrões que condicionam as ações dos indivíduos, de forma com que afetam, por exemplo em sua posição dentro das instituições. Silvio, afirma isto ao dizer que “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social” (Almeida, 2019, p. 30).

Ainda utilizando o autor como referência, mas agora tendo os contos em questão, é possível relacioná-los com o racismo como ideologia, o qual se constitui através um imaginário social e uma prática moldada pelos meios de comunicação,

indústria cultural e pelo sistema educacional, os quais visam representar a realidade, no caso das pessoas negras, em uma perspectiva racista, que acabam sendo reproduzidas até mesmo pelas próprias pessoas pretas. Sendo assim, na televisão, nos livros, em geral, colocam pessoas negras como empregadas, dona de casa, criminosos, suspeitos, já nas posições de liderança, nas empresas e no governo na maioria das vezes estão nas mãos de homens brancos.

Desta forma, colocam como distintos o lugar do branco e o lugar do negro na sociedade, a criança ou qualquer outra pessoa que cresce vendo isso, se convence que mulheres negras possuem uma vocação natural para o trabalho doméstico e homens a criminosos ou pessoas ingênuas, simples, e se colocam como incapazes de exercer algo superior ao que direcionam ao negro, porém, estas representações não são a verdadeira realidade, mas a representação de nossa relação com a realidade. A partir desta imposição dos brancos aos negros, Munanga fala sobre a alienação que é feita para que o negro acabe aceitando a discriminação de forma natural.

Num esforço de legitimar sua atitude, o branco aponta a alienação do negro. Deste modo, o negro acaba por aceitar a imagem negativa que lhe é forjada pelo branco. O negro acaba por considerar esta discriminação, da qual ele é objeto, como fazendo parte da ordem natural e normal das coisas e do mundo. Ele se nega totalmente como valor humano e aceita a inferioridade que lhe é imposta. Mas, para sair desta inferioridade, o negro, ainda que alienado, projeta sua salvação numa ideologia de branqueamento. (Munanga, 1978).

Precisa-se desconstruir mesmo que aos poucos este modo homogêneo de olhar o mundo, para que as crianças possam ser livres para ser quem são, ao não dizer e não fazer nada só estamos colaborando para que o racismo continue. Fomentando a convicção de incapacidade do negro, da exclusão da origem, da cultura, da beleza negra.

O âmbito escolar é um dos responsáveis pelo descobrimento do eu e do outro durante a infância, portanto, trabalhar com essa temática seria importante para a construção de um conhecimento acerca da diversidade, a partir do contato com as diferenças dentro das escolas, também começam a surgir práticas de racismo, bullying, e os livros de literatura infantil acabam ajudando como uma afirmação ao demonstrar o negro de maneira estereotipada, exclusiva, não queremos somente falar de representatividade, mas também a valorização da história afro-brasileira, do negro e suas lutas constantes na sociedade, o racismo é uma barbárie, como o holocausto em Auschwitz e a tarefa da educação, conforme diz Adorno (1986) é educar as crianças para que a escravização não se repita.

Sendo assim, a escola e o educador tem o papel importante de levar para sala discussões sobre o racismo, preconceito, identidade e aceitação, trabalhar em conjunto com a Família sobre diferenças, compreendendo que isso faz parte do processo educacional, pois, ninguém nasce racista, mas isso vai sendo construído a partir do contexto que está inserido, no qual ele vive, se a criança vive em um lar racista, suas concepções racistas e ideologias vão se desenvolvendo e se fortificando involuntariamente, com isso a criança branca ao olhar os contos, tem sua imagem idealizada e a criança negra a atribui concepções negativas.

Os contos clássicos da literatura infantil, tem um papel significativo na formação e no imaginário da criança, podendo ser o primeiro contato que a criança tem do mundo ao seu redor, ocorrendo essencialmente no ambiente escolar, onde as histórias são contadas com mais frequência.

Colocando a literatura infantil em questão, ela expressa através das suas histórias

a visão da sociedade em determinada época e localidade, os contos a qual nos referimos tem origem na Europa, no entanto, seus personagens têm características físicas, costumes e cultura conforme sua origem. Desde o surgimento da literatura tanto no exterior, quanto internacional, o negro já era discriminado, escravizado, desvalorizado, então isso era refletido dentro das histórias. Com base no que foi visto na trajetória da literatura infantil, nota-se que mesmo nos dias atuais, com as mudanças da sociedade moderna, a ausência do negro nos contos de fadas ainda é muito presente.

Por meio deste trabalho, pode ser feita uma análise da estrutura dos contos de fadas: “*A Bela e a Fera, Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve*”, os quais possuem em sua configuração a ausência de personagens negros, ocasionando um impacto no processo da formação da identidade da criança negra, ao querer se modificar para ser aceito e não se dar o devido valor por conta dos padrões impostos pela sociedade.

Quando conceituamos o que é raça e racismo, pode pensar no desaparecimento dos personagens a partir da concepção que o racismo apaga, exclui o negro da sociedade desde que houve a separação entre as raças humana, que utilizam o fenótipo como principal critério para a discriminação, preconceito e violência. A raça branca por ser idealizada, desde quando os europeus se viam como o centro do mundo, passou-se a um nível de superioridade, no qual possui privilégios e direitos de dominação e alienação da humanidade.

A identidade é formada a partir de um processo que inclui a relação com o outro, portanto conforme a representação que a sociedade tem do negro, o sujeito vai se apropriando e lhe atribuindo aquelas características a qual lhe são impostas e predestinadas, de forma negativa, estereotipada.

O racismo é estrutural, ou seja, não é um ato isolado, englobando toda uma estrutura, que se dá a partir de contexto histórico que concede privilégios ou desvantagens a uma certa raça-etnia em ambientes sociais, políticos, culturais, etc. A literatura pode ser uma grande ferramenta para que isso seja quebrado, pois, desde cedo utiliza-se como recurso de aprendizagem para as crianças na escola, agora com a Lei 10.639 de 2003, se estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira, se a mesma for inserida de forma correta, o educador pode trazer para a sala livros que valorizam o negro ,mostrando sua essência e não somente se resumindo a escravidão.

Nos dias atuais, podem ser encontradas variados livros de literatura infantil afro-brasileiras, que contam um pouco da nossa originalidade, posicionando o negro em um papel importante, protagonista, porém, é preciso que o professor seja cuidadoso ao escolher as histórias, pois, as vezes o livro contém branqueamento e racismo disfarçado de representatividade. O docente deve trazer livros que proporcione questões e discussões voltadas a identidade, cultura, para que a criança negra possa se enxergar como um sujeito autônomo, de identidade própria mesmo com mudanças constantes, que tenha uma história que vá além de sofrimento, construindo uma identidade positiva e desenvolvendo autoestima e aceitação. A falta da aparição dos personagens negros, pode contribuir para que se perpetue práticas racistas, sendo assim, a escola tem o dever de levar em consideração todas as diversidades étnicas-raciais de seus alunos e saber se posicionar diante da realidade, buscando compreensão do tema para pode integra-lo dentro da sala, para que não se propague o racismo.

Referências

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Mínima moralia**. Tradução Artur Morão. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1951.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. O que significa elaborar o passado e Educação após Auschwitz. In: **Educação e emancipação**. 2 ed. SP: Paz e Terra. 1995.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Erziehung nach Auschwitz, In: Stichworte; kritische Modelle 2. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. Trad. por Aldo Onesti.' In: COHN, Gabriel (org). **Coleção “Grandes Cientistas Sociais: Adorno”**. São Paulo. Ática, 1986. Disponível em: <https://goo.gl/GhhyZP>.
- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1987
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. 28. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 1982.